



CASTRO, E. M. DE MELO E. *LIVRO DE RELEITURAS E POIÉTICA CONTEMPORÂNEA*. 1. ED. BELO HORIZONTE: VEREDAS & CENÁRIOS, 2008. 256 P.

RELEITURAS E CONTEMPORANEIDADE POÉTICA

Isa Maria Marques de Oliveira*

* poetaisa@yahoo.com.br
Mestranda em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG – Departamento de Estudos de Linguagem e Tecnologia – Letras/Mestrado

Ernesto Manuel de Melo e Castro nasceu em Covilhã, 1932, Portugal. Poeta, ensaísta, professor universitário; formado em Engenharia têxtil (1956); doutor em Letras (USP). É considerado uma referência crítica dos estudos entre poesia, arte e tecnologia, foi introdutor da Poesia Concreta em Portugal, pioneiro da videopoesia, praticante e teórico da poesia experimental desde a década de 60. Autor de diversas obras críticas e infopoemas.

A obra “Livro de releituras e poiética contemporânea” é uma obra ensaística dividida em cinco partes, todas elas compostas de textos ensaísticos em que o autor revisita teorias e autores através de uma (re)leitura crítica. O livro

vem acompanhado de um DVD de “Antologia Sincrônica” (ANTSINC), contendo algumas obras produzidas pelo autor ao longo de seus 50 anos de experimentação poética e de outros; são oito diferentes poemas feitos a partir de plataformas tecnológicas que segundo ele: “podem ser acessadas de forma não linear” ou sincrônica, pois traduzem uma síntese do percurso de sua poética.

O autor começa sua obra discorrendo sobre a importância de se fazer uma releitura, cujo ato de reler incorre numa nova interpretação, sendo essas releituras “o fundamento principal da criatividade poética contemporânea” (CASTRO, 2008, p.17). Apresenta o exemplo de possíveis (re)leituras do

poema de Augusto de Campos, releituras verbal e digital do mesmo poema. E coloca a releitura como o caminho aberto das novas produções poéticas que se diluem em diversas representações da linguagem. Linguagem esta que segundo o autor é fluida, fragmentada e se esvai no espaço, mas se condensa na língua, seu signo representacional.

O autor investiga nas obras relidas, de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa entre outros; autores que revisitaram outros e o objetivo de Melo e Castro é mostrar que mesmo construindo o texto através de imagens, a plurissignificância poética não se perde, ela é transversal cujos caminhos são entrecruzados, uma encruzilhada poética e artística que redimensiona o paradigma pós-moderno, manifestado no decorrer do século XX.

Melo e Castro aborda sobre as vanguardas portuguesas do século XX como movimentos neobarrocos, buscando nelas elementos que demonstram serem as bases de um reflexo do passado pra romper com os paradigmas vigentes. Antes, ele adentra numa discussão conceitual de “vanguarda” e constrói a partir daí uma definição do paradigma chamado Neobarroco para definir o processo diacrônico do fim do século XX.

O autor prossegue em seus textos analisando as obras portuguesas das décadas de 50 e 60, em especial a poesia de Almada Negreiros (1968), em que a visão (o Ver) se traduz

em imagens (ícones) e apresenta uma “teoria da re-invenção do texto”. Melo e Castro busca em seus ensaios referenciais icônicos (semióticos) da obra de Almada Negreiros para explicar a (re)visão poética evocando Homero, por exemplo. E expõe que as poesias pós-modernas não significam nada mais que máquinas de reprodução, questionando assim a falta da criação pela (re)criação verbal ou não-verbal e coloca em pauta/questão a metatextualidade, a metapoesia.

Melo e Castro não deixou de visitar a poesia concreta brasileira, o precursor da vanguarda no Brasil, poeta e teórico Haroldo de Campos. O autor mostra os argumentos das possibilidades poéticas abertas pelas tecnologias, gerando frutos denominados de Poesia Digital. Sua revisita a obra de Haroldo de Campos mostra a importante contribuição da semiótica na *poiesis*, na tradução, na teoria-crítica que muito contribuíram para uma visão elucidativa da criação poética.

O autor fecha sua obra com uma chamada um tanto curiosa e interessante, “Tecnopéia”, onde suscita a ideia da sincronidade como característica dos tempos tecnológicos, em que o sujeito se encontra imerso numa teia pós-moderna de aceleração desse processo. Para tanto, busca em Lyotard críticas à concepção superficial do conceito de pós-moderno e diacrônico.

A “Tecnopéia” é uma oposição semiológica, um novo conceito para tudo que é inventado ou produzido através dos meios tecnológicos e informáticos, numa tradução de toda e quaisquer criação resultantes das interações entre o homem e a tecnologia. Oposta ao rigor estético e processual das artes e do design, constituindo-se de “conceitos redefinidos de transformação, sobreposição, anamorfose, sincronicidade, pluralidade temporal” (CASTRO, 2008, p.198). Melo e Castro conclui sua obra considerando a poética do pixel uma tradução icônica da transformação constante, os infopoemas. Chama de “Tecnopoiesis” os tempos vividos, inaugura um conceito para uma nova gênese da poética tecnológica a partir da “Tecnopéia” e coloca uma interrogação sobre o futuro da poesia. Futuro este já antecipado por Haroldo de Campos em “A arte no horizonte do provável”(1977) onde o uso das tecnologias podem provocar transformações e discussões no conceito próprio de poesia e da comunicação, a relação do homem com a palavra/arte é colocada em pauta pelo uso constante da tecnologia na criação, na sua experiência criativa.

Melo e Castro (2008) nesta obra ensaística dialoga com Antonio Risério (1998) quando tocam na questão peculiar das mudanças trazidas pelas tecnologias no pensamento humano em relação à poética, a arte e à palavra. Segundo Risério (1998), a estrutura do “livro” é superada como o

meio de transmissão de determinados tipos de mensagens, com isso percebe-se a necessidade de encontrar outros meios para assegurar a veiculação das ideias. Melo e Castro (2008) e Risério (1998) abordam sobre as mudanças do início do século XX, cujas necessidades foram sentidas pelos artistas abrindo espaço para a criatividade, o exercício criativo.

O ensaio de Melo e Castro, “Livro de releituras e poética contemporânea” merece atenção quando dialoga com problemas inerentes ao processo criativo da poesia, a relação homem e tecnologia e suas consequências na produção literária. O DVD ANTSINC que acompanha o livro traz obras do autor mostrando sua trajetória poética na interface tecnológica, e informa ao leitor que elas devem ser vistas de forma sincrônica como defende em seus ensaios.

Concluindo o pensamento junto com o trajeto do ensaio, Melo e Castro critica a reprodução das ideias, do pensamento pela máquina, mas não analisa a tecnologia como suporte ou ferramenta do pensamento criador. As tecnologias são manipuláveis pelo homem e capazes de transferir o seu pensamento através dos meios, mas a criação está ligada intimamente ao processo cerebral e cognitivo do homem com a máquina, ele cria a máquina e a usa para representar/construir suas criações e não a máquina que cria suas obras poéticas, há uma “negociação com os processos digitais” (ANTONIO, 2010).

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Jorge Luiz. **Poesia Digital: negociações com os processos digitais: teoria, história, antologias.** São Paulo: Navegar Editora; FAPESP. Livro e DVD.

RISÉRIO, Antonio. **Ensaio sobre o texto poético em contexto digital.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; COPENE, 1998. 210p.